



## A TEMÁTICA RACIAL NAS TESES E DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS EM PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA NO BRASIL (1987-2018)<sup>1</sup>

*Mariza Fernandes dos Santos<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este artigo apresenta a produção científica na área de Geografia a partir de uma perspectiva que contribua para uma agenda antirracista. Trata-se de um levantamento sobre as teses e dissertações produzidas em programas de pós-graduação em Geografia no Brasil (1987-2018) que versam sobre as relações raciais, com foco na população negra. Utiliza como metodologia a revisão sistemática de literatura. Apresenta, a partir dos dados coletados, que os trabalhos que tratam das questões raciais na Geografia têm crescido de forma efetiva na última década, versando sobre diferentes abordagens.

**Palavras-chave:** Produção científica – relações raciais. Geografia crítica. Tese e dissertação.

### THESIS AND DISSERTATIONS WITH RACIAL THEMATIC DEFENDED IN GEOGRAPHY POST-GRADUATE PROGRAMS IN BRAZIL (1987-2018)

**Abstract:** This article presents the scientific production in Geography from a perspective that contributes to an anti-racist agenda. It is a survey about the thesis and dissertations produced in post-graduate programs in Geography in Brazil (1987-2018) that deal with race relations, focusing on the black population. It uses as methodology the systematic literature review. It presents, based on the collected data, that the works that deal with racial issues in Geography have grown effectively in the last decade, dealing with different approaches.

**Keywords:** Scientific production - race relations. geography. Thesis and dissertation

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG).

<sup>2</sup> Doutoranda em Geografia no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás (IESA / UFG), mestra em geografia e bacharela em Jornalismo. Integrante do Laboratório de Estudos de Gênero, Étnico-Raciais e Espacialidades (LaGENTE/UFG) e do Laboratório de pesquisa em raça, leitura, biblioteca e sujeitos informacionais na Biblioteconomia e Ciência da Informação (Alay/UFG). Contato: [mariza.fernandesdossantos@gmail.com](mailto:mariza.fernandesdossantos@gmail.com)



## EL TEMA RACIAL EN LAS TESIS Y DISERTACIONES DEFENDIDAS EN LOS PROGRAMAS DE POSGRADO EN GEOGRAFÍA EN BRASIL (1987-2018)

**Resumen:** Este artículo presenta la producción científica en el área de Geografía desde la perspectiva de que puede contribuir a una agenda antirracista. Presenta una encuesta sobre las tesis y disertaciones producidas en programas de posgrado en Geografía en Brasil (1987-2018) que se ocupan de las relaciones raciales, centrándose en la población negra. Establece, como metodología, la revisión sistemática de la literatura. Presenta, con base en los datos recopilados, que los trabajos que tratan temas raciales en Geografía han crecido efectivamente en la última década, abordando diferentes enfoques.

**Palabras clave:** Producción científica; relaciones raciales; Geografía; Tesis y disertación.

## LE THÈME RACIAL DANS LES THÈSES ET LES MÉMOIRES SOUTENUS DANS LES PROGRAMMES DE TROISIÈME CYCLE EN GÉOGRAPHIE AU BRÉSIL (1987-2018)

**Résumé:** Cet article présente la production scientifique dans le domaine de la géographie du point de vue qu'elle peut contribuer à un programme antiraciste. Il présente une enquête sur les thèses et les mémoires produits dans les programmes d'études supérieures en géographie au Brésil (1987-2018) qui traitent des relations raciales, en se concentrant sur la population noire. Il établit, comme méthodologie, la revue systématique de la littérature. Il présente, sur la base des données collectées, que les travaux qui traitent des questions raciales en géographie se sont développés efficacement au cours de la dernière décennie, traitant de différentes approches.

**Mots-clés:** Production scientifique; relations raciales; Géographie; Thèse et mémoire.

### INTRODUÇÃO

A partir dos anos 2000 observa-se um aumento no número de pessoas negras ingressando no ensino superior no Brasil, o que se deve principalmente à implantação de ações afirmativas como as cotas nas universidades públicas. Como resultado desse processo, além de uma maior quantidade de profissionais graduados/as negros/as no mercado de trabalho, temos mais pessoas negras acessando a pós-graduação, o que se reflete em um aumento nas pesquisas sobre relações raciais, conforme observaram Artes e Mena-Chalco (2017) ao analisar a expansão da temática relações raciais em pesquisas de pós-graduação no Brasil.

Neste artigo, pretendemos verificar como esse processo se reflete nas pesquisas realizadas em programas de pós-graduação em Geografia no Brasil. Nosso objetivo é observar como os/as geógrafos/as estão abordando o tema. Para tanto, apresentaremos um levantamento das teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação em



Geografia no Brasil, que abordem a temática racial com foco na população negra, defendidas no período entre 1987 e 2018.

O recorte temporal foi estabelecido com base nos dados disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CTD/CAPES), onde realizamos a busca. Após o levantamento, a etapa seguinte da pesquisa consiste em quantificar, periodizar e espacializar os resultados, assim como sistematizar as principais tendências temáticas.

Para realizarmos tal análise, partimos da perspectiva de que produções científicas, como teses e dissertações, podem contribuir para uma agenda antirracista. Acreditamos que uma produção de conhecimento que priorize saberes, valores, experiências e o processo histórico-cultural de grupos historicamente discriminados, como a população negra, pode ser vista como um instrumento para a eliminação das desigualdades raciais.

Na próxima seção, pretendemos apontar alguns elementos que indicam as aproximações e distanciamentos entre a Geografia e a temática racial.

### A GEOGRAFIA E A TEMÁTICA RACIAL

A Geografia vem passando por importantes mudanças desde o final do século XX, com o surgimento de uma multiplicidade de perspectivas teóricas e epistemológicas que favorecem a inserção da temática racial nos estudos desse campo (SANTOS, 2013). Alguns/as geógrafos/as, conforme explica Santos (2013), afirmam que esse movimento ocorreu principalmente a partir do surgimento da corrente que ficou conhecida como Geografia Crítica, na qual se desenvolveu um processo de renovação dessa ciência a partir da crítica do discurso e das práticas existentes até aquele momento. Outros/as pesquisadores/as, no entanto, alegam que a Geografia Crítica, de influência marcadamente marxista, promoveu uma prática sistemática de silenciamento sobre a temática racial, como defende Marcelino (2018).

De acordo com Santos (2013), a Geografia Crítica surgiu em um contexto de intensas transformações sociais que demandaram da Geografia novas formas de abordagem, assim como um novo olhar para temas emergentes relacionados a problemas socioespaciais e socioambientais. Ratts (2010) destaca que os anos 1970 foram marcados por um aparecimento político de populações negras, indígenas e quilombolas no Brasil,



assim como por um interesse da Geografia e do ensino da disciplina por tais temas. No entanto, ao analisar como esse processo se desenvolveu na corrente Crítica, o autor avalia que os estudos desenvolvidos nessa vertente sobre a temática étnico-racial tiveram pouca ressonância. “Além disso, na análise do conflito entre capital e trabalho havia pouca ou nenhuma condição de incluir a variável raça [...]” (RATTS, 2010, p. 128).

Apesar da crítica, o autor destaca alguns estudos que abordaram de forma mais ou menos direta a questão étnico-racial na Geografia Crítica. Entre os exemplos apontados por Ratts (2010) está a discussão realizada por Milton Santos (1996) sobre as cidadanias mutiladas. O geógrafo insere a corporeidade negra no debate sobre as condições desse grupo no Brasil, inclusive no que se refere à sua espacialidade. Para ele, “o fato de ser visto como negro já é suficiente para infernizar o portador desse corpo. A diferenciação entre ‘cidadanias’ dentro de uma mesma sociedade, é relacionada com a corporeidade” (SANTOS, 1996, p. 9).

Santos (1996) antecipa uma discussão que posteriormente seria retomada por outros/as geógrafos/as interessados/as pela questão racial: a noção de raça como um elemento que limita a espacialidade dos sujeitos. Para Renato Emerson dos Santos (2016), as inscrições sociais no espaço são consequência dos condicionantes das relações sociais. Portanto, os conflitos se manifestam no espaço, e aí se incluem as relações raciais. Segundo o geógrafo, o racismo define diferenças e hierarquias sociais, determinando os lugares onde a presença do grupo desfavorecido será maior (lugares de poder) ou menor (lugares de pobreza, violência etc.). Um exemplo de aplicação desse tipo de análise é o estudo realizado por Alves (2011), que sugere a existência de uma “geografia da morte” ao verificar padrões de distribuição desigual de oportunidades de vida e morte para brancos/as e negros/as em São Paulo.

Não é nosso objetivo discorrer sobre todas as possibilidades de tratamento geográfico da questão racial, mas sim apontar algumas abordagens que evidenciam o que há de geográfico na raça. Nesse sentido, Santos (2016) chama a atenção para o fato de que a Geografia, como disciplina, tem a contribuir com a possibilidade de levar a discussão sobre a questão racial para o ambiente escolar, principalmente após a promulgação da Lei 10.639, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas disciplinas que integram as grades curriculares dos ensinos fundamental e médio. O autor destaca o papel fundamental da educação escolar para a



superação das desigualdades raciais e do racismo; e propõe que os atos de aprender e ensinar Geografia têm o sentido de se posicionar no mundo, o que pode ser compreendido a partir de uma dupla acepção: conhecer sua posição no mundo e tomar posição neste mundo. Nesse sentido, a questão racial não pode ser ocultada nos conteúdos geográficos debatidos em sala de aula.

Os temas que tratamos até aqui dão a impressão de que o interesse dos/as geógrafos/as pela questão racial é algo datado a partir do final do século XX. No entanto, Cirqueira (2015) chama atenção para o fato de que o tema foi objeto do pensamento social e do pensamento geográfico brasileiros no final do século XIX e início do XX, quando os cientistas encontravam na relação homem/meio alguns dos principais argumentos que fundamentaram a noção de raça vigente até os dias atuais. De orientação eurocêntrica, a Geografia do período foi fortemente influenciada pelo que ficou conhecido como darwinismo racial, um pensamento que considerava atributos físicos e fenotípicos como diretamente ligados às características morais dos povos (SCHWARCZ, 2012).

Na Europa, tal perspectiva aparece no pensamento de grandes geógrafos como Ratzel, La Blache e Reclus (CIRQUEIRA, 2015; RATTTS, 2010). O envolvimento dos geógrafos com o debate racial não ocorreu por acaso. Como indica Capel (2010), a Geografia se institucionalizou no século XIX, quando se formaram as primeiras comunidades de geógrafos. Uma das estratégias dos geógrafos para demarcar o seu “território” entre as ciências foi assumir o papel de responder à demanda da época por conhecimento acerca dos países coloniais, se colocando a serviço dos interesses do imperialismo europeu (CAPEL, 2010).

O debate racial, portanto, não é novo na Geografia, apesar de ser ainda necessária uma análise mais aprofundada sobre o processo de silenciamento que o tema sofreu no interior dessa ciência, principalmente quando consideramos o pouco interesse dos adeptos da Geografia Crítica pelo tema. Por outro lado, os resultados que apresentaremos neste artigo indicam que a questão racial está retornando à agenda dos/as geógrafos/as, desta vez com a proposta de uma nova leitura sobre as dimensões espaciais do racismo. A próxima seção apresenta os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta investigação.

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS



O procedimento metodológico adotado para a análise aqui exposta é a revisão de literatura, que, segundo Bento (2012), envolve a localização, análise, sintetização e interpretação das pesquisas prévias relacionadas à área de estudo. De acordo com o autor, a revisão de literatura permite que o/a pesquisador/a conheça um panorama atual do conhecimento produzido sobre um determinado tema.

Seguindo a proposta de metodologia desenvolvida por Ramos et al (2014) para a realização de revisão sistemática de literatura, elaboramos cada etapa do procedimento com o rigor necessário para garantir que os resultados fossem os mais completos e eficientes possíveis. O levantamento seguiu um desenho metodológico de investigação, o qual descreveremos na próxima seção. O registro de cada etapa permite que o procedimento seja replicado por outros/as pesquisadores/as.

No que se refere à abordagem, aplicamos o método quali-quantitativo, que consistiu na análise aprofundada do fenômeno estudado, permitindo um cruzamento entre dados quantitativos e a realidade social. O universo da pesquisa abarcou teses e dissertações produzidas nos programas de pós-graduação em Geografia no Brasil, que discutiam sobre as relações raciais, com foco na população negra, como aponta a próxima seção.

### COLETA E ANÁLISE DE DADOS

O trabalho de coleta e análise de dados foi dividido em 4 etapas: (1) planejamento, que consistiu na elaboração de um protocolo a ser seguido durante o trabalho; (2) busca exploratória, para testar as bases de dados e a eficiência do protocolo; (3) busca oficial e sistematização do *Corpus*<sup>3</sup> em planilha, quando colocamos em prática os procedimentos definidos no protocolo e elaboramos uma planilha com os dados coletados; (4) análise do *Corpus* e apresentação dos resultados. A seguir, apresentaremos de maneira detalhada cada uma das etapas citadas.

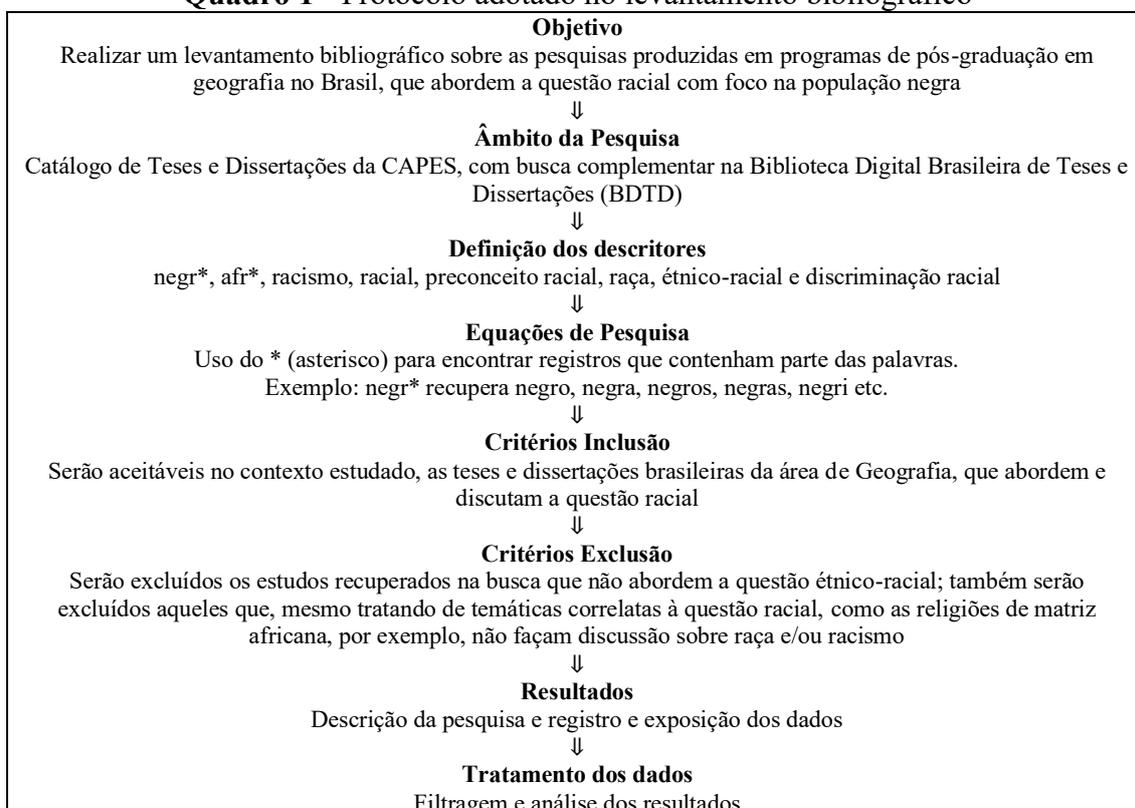
---

<sup>3</sup> A palavra *corpus* (latim; plural *corpora*) significa simplesmente corpo. Nas ciências históricas, ela se refere a uma coleção de textos. Pode ser definida como “um corpo de uma coleção completa de escritos ou coisas parecidas; [...]”. (BAUER; AARTS, 2012, p. 44).

Para realizar o planejamento da pesquisa, optamos por seguir, com adaptações, os passos do protocolo elaborado por Ramos Faria e Faria (2014), conforme o quadro 1. Na elaboração do protocolo, avaliamos qual seria a melhor forma de alinhar a busca aos objetivos da pesquisa. O *Corpus* é composto por teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação em Geografia no Brasil, que abordem a temática racial com foco na população negra, defendidas no período entre 1987 e 2018. O recorte temporal foi estabelecido com base nos dados disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CTD / CAPES).

Ainda durante a etapa de planejamento, realizamos a definição dos descritores a serem utilizados na pesquisa. Os descritores são termos ou palavras-chave padronizados que a base de dados usa para indexar os documentos. Os termos usados no levantamento foram: *negr\**, *af\**, racismo, racial, preconceito racial, raça, étnico-racial e discriminação racial. Estabelecemos o uso do asterisco (\*) para encontrar registros que contenham parte das palavras, conforme exemplo no quadro 1.

### Quadro 1 - Protocolo adotado no levantamento bibliográfico



Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Ramos, Faria e Faria (2014).

Como a amostra é composta exclusivamente por teses e dissertações, questões operacionais nos levaram a optar por fazer um levantamento por meio de buscas unicamente virtuais, pois não temos recursos suficientes para visitar todas as instituições incluídas na pesquisa, tendo em vista que o estudo abrange todo o Brasil. Portanto, o levantamento não inclui publicações que não estejam registradas nas bases onde realizamos o levantamento, o que não representa grande prejuízo, pois desde 2002 a CAPES vem desenvolvendo uma série de ações com o objetivo de facilitar, por meio da internet, o acesso às publicações realizadas no âmbito da pós-graduação.

O CTD/CAPES foi criado em 2002 e, no primeiro momento, contemplava apenas resumos publicados no período entre 1996 e 2001. Hoje, o Catálogo é atualizado anualmente com informações encaminhadas pelos programas de pós-graduação e resgata trabalhos defendidos desde 1987. Além de informações de catalogação bibliográfica, como título, autoria, data e instituição onde ocorreu a defesa, o CT disponibiliza um *link* com “mais informações”, que direciona para a Plataforma Sucupira, onde temos acesso ao resumo e ao trabalho completo para download<sup>4</sup>. Nos casos em que as defesas ocorreram antes da criação da Plataforma Sucupira, e portanto não estão disponíveis neste repositório, realizamos uma busca paralela na Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil, funcionando, portanto, como uma plataforma agregadora, coletando e disponibilizando dados das instituições de ensino e pesquisa<sup>5</sup>.

A busca exploratória teve como objetivo analisar a eficiência do protocolo, conhecer as bases de dados e realizar os ajustes necessários antes da Busca Oficial. Os testes nas bases de dados ocorreram em agosto de 2019 e foi avaliada a qualidade dos descritores e filtros definidos. A etapa de testes indicou que a busca recupera uma grande quantidade de trabalhos da área de geografia física que não dialogam com a temática racial, a exemplo de uma dissertação com o título “Registro das alterações ambientais nas

---

<sup>4</sup> A Plataforma Sucupira é uma ferramenta que coleta informações, realiza análises e avaliações e foi criada pela Capes em 2014, para ser uma base de referência do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG). Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>. Acesso em: 2 dez. de 2019.

<sup>5</sup> Disponível em: <http://bdttd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 12 out. de 2019.



dunas costeiras entre as praias de Areia Preta e Ponta Negra”. Esses trabalhos foram excluídos manualmente durante a etapa de organização dos resultados. O teste evidenciou também que o Catálogo consegue recuperar menos informações bibliográficas quando se trata de teses e dissertações defendidas antes da criação da Plataforma Sucupira. Nesses casos, os dados disponíveis são: título do trabalho, autoria, data de defesa, tipo de trabalho (tese ou dissertação), instituição e biblioteca depositária.

Como estratégia, procuramos por esses trabalhos na BDTD, a fim de conseguir os demais dados que nos interessam: nome do/a orientador/a, nome do programa e resumo. A BDTD apresenta o *link* para acesso ao repositório onde o trabalho foi depositado. Em alguns casos, a tese ou dissertação completa não estava disponível em nenhuma plataforma *online*. Nessas situações, não foi possível realizar uma leitura dos resumos.

A busca oficial foi realizada entre os meses de agosto e setembro de 2019. Ao todo, foram encontrados 125 trabalhos que abordam a temática racial na Geografia, sendo 86 dissertações e 40 teses, o que representa 1,65% do total de trabalhos produzidos nos programas de pós-graduação em Geografia no Brasil, no período estudado. O total de teses e dissertações em Geografia, independente do tema, indexadas na base, é de 7.651 trabalhos. Desse número, 5.542 são dissertações e 2.109 são teses.

Os trabalhos que atenderam aos critérios de inclusão foram registrados em uma tabela no *software* Excel. Os resultados duplicados foram excluídos. Conforme apontamos no quadro 1, adotamos os seguintes critérios de inclusão: foram incluídas as teses e dissertações brasileiras da área de Geografia, que abordam e discutem a questão racial; e excluídos os estudos que não abordam a temática racial; também foram excluídos aqueles que, mesmo tratando de temas correlatos à questão racial, como as religiões de matriz africana, por exemplo, não fazem discussão sobre raça e/ou racismo.

Em relação ao critério de exclusão, chamou a atenção, durante a busca, a existência de estudos que abordam a questão quilombola como uma problemática exclusivamente fundiária, sem tocar a questão racial, e dialogando com a geografia cultural somente para realizar uma discussão acerca do termo/categoria Quilombo. Situação semelhante foi constatada quando analisamos alguns estudos sobre manifestações culturais e religiosas afro-brasileiras, como o carnaval e as religiões de matrizes africanas. Esses estudos não foram incluídos no *corpus*, mas indicam a permanência de uma tendência ao apagamento das relações raciais nos debates



geográficos, mesmo quando estes abordam temas que têm a raça como um aspecto estrutural.

Para determinar se uma tese ou dissertação seria incluída, realizamos a leitura dos títulos e resumos. Em alguns casos, foi necessário consultar outros elementos, como o sumário e a introdução, tendo em vista que a abordagem da questão racial com foco na população negra nem sempre estava explícita nos primeiros elementos bibliográficos consultados.

## SISTEMATIZAÇÃO DO CORPUS E APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

A seguir, apresentaremos os resultados do levantamento bibliográfico, destacando alguns pontos para análise, quais sejam: aspectos regionais, cronológicos, de autoria e principais temas estudados nos trabalhos recuperados no levantamento.

### ASPECTOS REGIONAIS

Durante a etapa de planejamento da revisão de literatura, descobrimos que um levantamento semelhante foi feito anteriormente por Cirqueira e Corrêa (2014). Os pesquisadores tinham o objetivo de quantificar, mapear e espacializar as teses e dissertações que abordassem a questão racial nos programas de pós-graduação em Geografia no Brasil, assim como sistematizar as principais tendências temáticas. O levantamento realizado por Cirqueira e Corrêa (2014) recuperou um total de 54 trabalhos, sendo 13 teses e 41 dissertações.

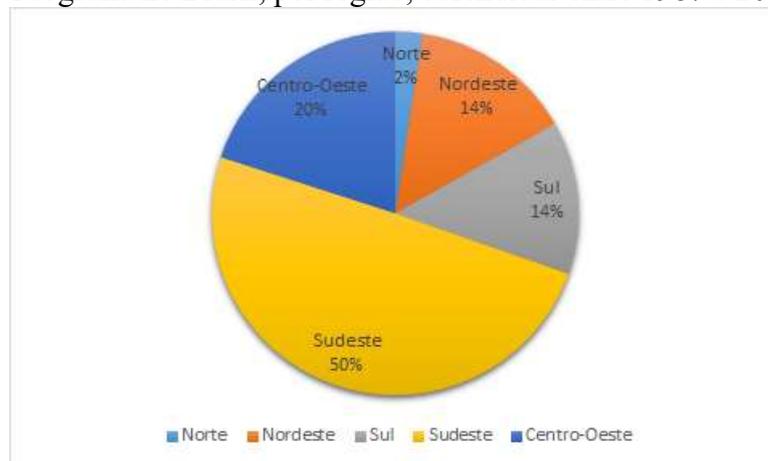
O recorte temporal da referida pesquisa vai até o ano de 2012, o que talvez explique a diferença quantitativa em relação ao nosso levantamento, que encontrou 125 teses e dissertações defendidas entre 1987 e 2018. Essa diferença também pode ter ocorrido pelo fato de os pesquisadores terem realizado a busca nos repositórios das instituições, a partir dos *sites* dos programas de pós-graduação, e não em uma base agregadora, o que, segundo Cirqueira e Corrêa (2014) gerou uma série de contratempos.

De acordo os autores, os *sites* de alguns programas estavam *off-line* no momento da pesquisa ou sequer existiam. Foi o caso da Universidade Federal de Rondônia (UNIR),



cujas páginas encontravam-se em construção. Isso talvez explique o fato de os pesquisadores relatarem não ter encontrado nenhuma tese ou dissertação, de acordo com os critérios de inclusão do levantamento, na região Norte do país, enquanto nossa pesquisa recuperou 3 trabalhos defendidos nesse recorte espacial, nos anos de 2008, 2013 e 2014, sendo que os de 2008 e 2014 foram defendidos na UNIR. Apesar disso, a região Norte é a que teve menos trabalhos que atendessem aos critérios de inclusão do nosso levantamento, conforme o gráfico 1:

**Gráfico 1** - Teses e dissertações que abordam a questão racial com foco na população negra na Geografia no Brasil, por região, defendidas entre 1987 e 2018.



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Ao espacializarmos os dados, observamos que permanece a tendência verificada por Cirqueira e Corrêa (2014), cuja pesquisa indicou que há um predomínio da produção na região Sudeste. Nessa região, encontramos 62 trabalhos, o que, conforme o Gráfico 1, representa 50% do total. Concordamos com a análise dos autores a respeito desse dado.

Os autores avaliam que o fato de a região Sudeste possuir o maior número de programas de pós-graduação em Geografia (atualmente 23) no Brasil, sendo estes ainda os mais antigos do país, é uma das principais razões para tal concentração. Destaque-se que o Sudeste concentra a maioria dos programas com conceitos 6 e 7, que são as pontuações mais altas atribuídas pela CAPES<sup>6</sup>. Dos 9 programas de pós-graduação

---

<sup>6</sup> A CAPES realiza a Avaliação do Sistema Nacional de Pós-Graduação, cujos resultados são usados como referência para a distribuição de bolsas e recursos para o fomento à pesquisa e identificação de assimetrias regionais. As notas atribuídas pela CAPES após a avaliação vão de 1 a 7, sendo que os programas com conceitos 6 e 7 são considerados programas de excelência.



em Geografia com conceitos 6 e 7 no Brasil, 6 estão na região Sudeste, 2 no Sul e 1 no Nordeste.

Adjacente a esta constatação, levantamos a hipótese de que por serem centrais e consideradas de maior proeminência, elas atraem estudantes de várias partes do Brasil, abarcando uma multiplicidade de assuntos que acabam por aumentar as possibilidades de projetos que abordem a temática racial. (CIRQUEIRA; CORRÊA, 2014, p. 37).

A maior parte dos trabalhos que foram encontrados em nosso levantamento na região Sudeste foi produzida na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Federal Fluminense (UFF). É nessas instituições que Ratts (2007; 2011) localiza o principal local de surgimento do Movimento Negro de Base Acadêmica, que posteriormente se territorializou pelo Brasil, o que pode indicar também que a presença de um grupo negro organizado nessas instituições desde a década de 1970 é um dado importante quando verificamos o grande número de produções sobre a temática étnico-racial em programas de pós-graduação em Geografia na região Sudeste.

Apesar de termos verificado um maior volume de pesquisas sobre a questão racial nos programas de pós-graduação em Geografia da região Sudeste, não identificamos um padrão de concentração dessa produção em um grupo de pesquisa específico. Entre os(as) pesquisadores(as) que orientaram trabalhos sobre a temática, são poucos os que realizaram mais de uma orientação de pesquisa de pós-graduação em Geografia sobre o tema.

O orientador que concentra o maior número de pesquisas recuperadas em nossa busca para essa região é Carlos Walter Porto-Gonçalves, da Universidade Federal Fluminense (UFF), com 6 estudos orientados dentro de um total de 61 teses e dissertações produzidas no Sudeste, ou seja, é uma pequena concentração que confirma que a produção da região é difusa, não havendo um grupo ou laboratório que se destaque na pós-graduação. Docente da UFF desde 1987, o geógrafo realiza pesquisas sobre conflitos no campo, com foco na América Latina e Caribe, e coordena o Laboratório de Estudos de Movimentos Sociais e Territorialidades (LEMTO)<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Informações do Currículo Lattes do pesquisador. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/2999794100514909>> Acesso em: 9 dez. 2019.



A questão étnico-racial não é central em sua trajetória de pesquisa, apesar de aparecer de forma transversal em algumas de suas publicações (PORTO-GONÇALVES 2003; 2012). Nossa hipótese é de que o fato de Porto-Gonçalves e o laboratório que ele coordena estabelecerem diálogo com a temática é um fator que contribui para que pesquisadores interessados em desenvolver uma abordagem geográfica da questão racial se aproximem dele.

Entre os pesquisadores orientados por Porto-Gonçalves, destaca-se Renato Emerson dos Santos por ser um geógrafo negro da região Sudeste que consta em nosso levantamento ocupando duas posições diferentes na pós-graduação: orientando e orientador. Atualmente, Santos é professor adjunto na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Relações Raciais e Movimentos Sociais (NEGRAM). Seus principais temas de estudo são: Movimentos sociais e Geografia, ensino de Geografia, cartografia e lutas sociais, relações raciais, ações afirmativas no ensino superior e pré-vestibular para negros e carentes<sup>8</sup>. Apesar de recente, a atuação de Santos e do NEGRAM na região indica que pode estar surgindo no Sudeste um lugar para a abordagem geográfica da questão étnico-racial, aos moldes do que observamos na região Centro-Oeste, onde essas pesquisas apresentam um maior índice de concentração.

O Centro-Oeste ficou em segundo lugar em número de produções recuperadas em nosso levantamento, com 20% dos resultados: um total de 26 trabalhos, sendo 18 dissertações e 7 teses. Dentre esses, 15 trabalhos foram defendidos na Universidade Federal de Goiás (UFG), sendo que 12 foram orientados pelo geógrafo e antropólogo Alex Ratts, que coordena o Laboratório de Estudos de Gêneros, Étnico-Raciais e Espacialidades (LaGENTE/UFG)<sup>9</sup>. Fundado em 2008, o LaGENTE abriga um grupo que se dedica a estudar, entre outros temas, as possibilidades de abordagem geográfica da questão étnico-racial. A UFG produziu mais trabalhos sobre o tema do que a maior universidade da região que mais produz no Brasil, segundo nosso levantamento: a Universidade de São Paulo (USP), onde encontramos 12 produções distribuídas entre diversos orientadores.

---

<sup>8</sup> Informações do Currículo Lattes do pesquisador. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7260305303021981>  
Acesso em 10 dez. 2019.

<sup>9</sup> Informações do Currículo Lattes do pesquisador. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0348844638764982>  
Acesso em 10 dez. 2019.



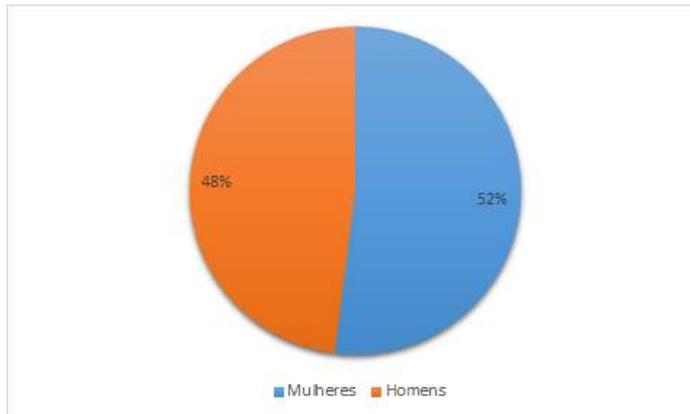
Esse dado corrobora com algo que vem sendo denunciado há décadas por estudiosos/as do racismo acadêmico e militantes antirracistas: é importante que os espaços de poder, como os centros produtores do conhecimento cientificamente validado, sejam ocupados por um grupo diverso. Os casos do LaGENTE e do NEGRAM evidenciam a necessidade de que os corpos docentes e discentes das pós-graduações tenham pessoas negras interessadas em debater a questão étnico-racial.

### ASPECTOS DE AUTORIA

Em relação ao gênero dos/as pesquisadores/as (autores/as), chama a atenção o fato de as mulheres constituírem uma maioria (53%). O dado reflete o que foi constatado no Censo do Ensino Superior 2018, que revelou que as mulheres ocupam a maior parte das matrículas em universidades brasileiras, tanto públicas quanto privadas. Dados da pós-graduação divulgados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) em 2018 revelam que as mulheres também são maioria na pós-graduação brasileira. Segundo a Capes, os números de 2016 indicam uma diferença de 19% entre o quantitativo de homens e mulheres. São 165.564 mulheres e 138.462 homens (CAPES, 2018). Apesar disso, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) verificou que o “perfil típico” dos/as docentes do ensino superior brasileiro é masculino (INEP, 2019). São 110.653 professores e 95.811 professoras em universidades.

A partir desses dados, pode-se inferir que os achados de nosso levantamento são um reflexo de um contexto mais amplo, em que as mulheres são maioria entre discentes de graduação e pós-graduação e, contraditoriamente, estão em minoria entre docentes.

**Gráfico 2** - Autoria das teses e dissertações que abordam a questão racial na Geografia no Brasil, por gênero.



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

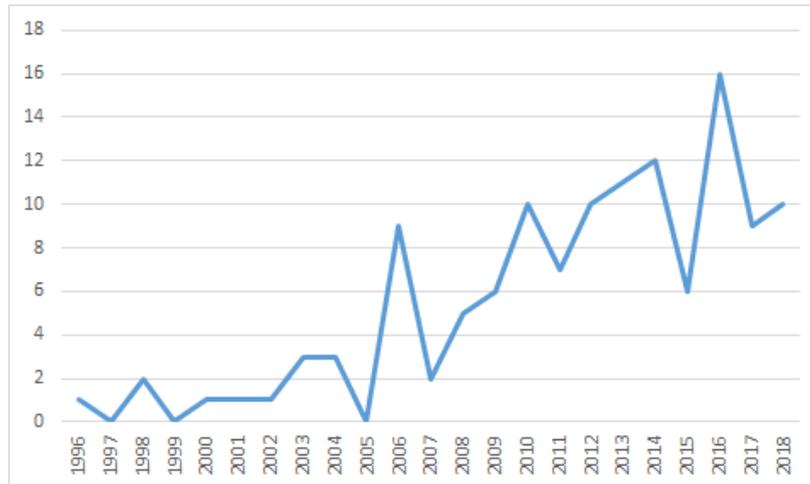
É importante destacar que, apesar de as mulheres constituírem uma maioria numérica como discentes da graduação e pós-graduação, pesquisas como a de Moschkovich e Almeida (2015) indicam que elas enfrentam mais obstáculos para progredir nas carreiras científicas. Segundo as autoras, as docentes tendem a se concentrar em algumas áreas do conhecimento e estão em menor proporção nos estágios mais altos da carreira “[...] isto é, naqueles cargos associados a melhores salários, maior prestígio acadêmico, mais poder universitário etc” (MOSCHKOVICH; ALMEIDA, 2015, p. 751).

Em pesquisa anterior (SANTOS, 2016), ao entrevistarmos pesquisadoras negras, verificamos que sua espacialidade é constrangida por aspectos como o medo da violência e a sensação de estar “fora do seu lugar”, ou do lugar socialmente construído para elas, o que indica que, no caso das mulheres negras, as barreiras na trajetória acadêmica rumo à carreira docente são ainda maiores devido à intersecção entre racismo e sexismo.

### ASPECTOS DE AUTORIA

Em relação aos aspectos cronológicos, verificamos um aumento no número de teses e dissertações em Geografia que abordam a questão racial a partir do ano de 2003, sendo que o período com o maior número de produções foi o de 2016, quando foram defendidas 4 teses e 12 dissertações. Entre 1987 e o ano 2000, nosso levantamento recuperou 3 dissertações e nenhuma tese.

**Gráfico 3** - Quantidade de trabalhos produzidos por ano.



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Importante destacar que, além dos três trabalhos que encontramos no período entre 1987 e 2000, existem teses e dissertações defendidas anteriormente em Programas de pós-graduação em Geografia, as quais não foram recuperadas em nosso levantamento devido ao recorte temporal, que inicia em 1987. Por exemplo, Cirqueira e Corrêa (2014) encontraram um trabalho defendido em 1977, na USP, que tem como tema central a geopolítica dos países africanos. Apesar disso, não consideramos que o fato de tais trabalhos não serem incluídos em nossa análise representa grande prejuízo, tendo em vista que, conforme explicam Cirqueira e Corrêa (op.cit.), eles encontraram apenas três estudos defendidos antes de 1990.

Assim como Cirqueira e Corrêa (2014), concordamos que o crescimento observado a partir dos anos 2000 deve-se principalmente a dois fatores: o aumento na quantidade de programas de pós-graduação no período e o crescimento do interesse público pelo debate acerca da questão étnico-racial, motivado principalmente pelo intenso esforço do Movimento Negro para inserir essa pauta na agenda pública e pela intensificação das discussões sobre a adoção, pelas universidades públicas, de cotas raciais.

Cirqueira e Corrêa (2014) destacam que, entre as teses e dissertações defendidas a partir do ano 2000, grande parte é dedicada à discussão das territorialidades negras, com foco principalmente nas comunidades remanescentes de quilombos. Antes do ano 2000, encontramos apenas 3 dissertações e nenhuma tese, como pode ser visto no quadro 2.

**Quadro 2 - Trabalhos defendidos antes do ano 2000.**

| Título do Trabalho  | Autor (a)                    | Orientador (a)                     | Ano  | Instituição                                   |
|---|------------------------------|------------------------------------|------|---|
| Fronteiras invisíveis: Territórios Negros e Indígenas no Ceará  | Alex Ratts                   | Antônio Carlos Robert Moraes       | 1996 | Universidade de São Paulo (USP)               |
| Várzea e Varzeiros: a vida de um lugar no Baixo Amazonas  | Luis Otávio do Canto Lopes   | Iraci Gomes de Vasconcelos Palheta | 1998 | Universidade de São Paulo (USP)               |
| Do quilombo à favela: o tráfico de drogas enquanto estratégia de sobrevivência ilegal nos marcos de uma ordem segregacionista | Andrelino de Oliveira Campos | Marcelo José Lopes de Souza        | 1998 | Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) |

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Mais uma vez, chama a atenção o fato de que os três trabalhos mais antigos entre nossos achados foram defendidos em instituições da região sudeste: USP e UFRJ. Para a época, pode-se afirmar que os temas propostos nos estudos que compõem o Quadro 2 tornam ainda mais desafiadora a elaboração das pesquisas empreendidas pelos(as) geógrafos(as). Em relação a isso, cabe destacar que duas dessas pesquisas, a de Ratts (1996) e a de Sousa (1998) foram orientadas por geógrafos epistemólogos. Marcelo José Lopes de Souza e Antônio Carlos Robert Moraes são dois dos principais geógrafos brasileiros. O primeiro é professor na UFRJ, onde coordena o Núcleo de Pesquisas sobre desenvolvimento Sócio-espacial (NuPeD). Além do trabalho na universidade, atua junto a movimentos sociais. O segundo foi professor na USP, onde coordenou o Laboratório de Geografia Política. Estudou principalmente história e metodologia na Geografia e publicou mais de dez livros sobre a temática.

O que queremos destacar aqui é a importância que tais geógrafos tiveram no processo de inserção da temática racial na Geografia. As pesquisas pioneiras sobre o tema, muito provavelmente, não poderiam ter sido feitas sem uma orientação aberta a novas concepções. Em relação à dissertação de Luis Otávio do Canto Lopes (*Várzea e Varzeiros: a vida de um lugar no Baixo Amazonas*), orientada por Iraci Gomes de Vasconcelos Palheta, nota-se o alinhamento à perspectiva teórica do orientador, estudioso da questão agrária e do campesinato, com foco na Amazônia, sem maior destaque para a questão racial.

Andrelino de Oliveira Campos coordenou o Núcleo de Estudos Sociedade, Espaço e Raça; e Alex Ratts coordena o Laboratório de Estudos de Gênero, Étnico-raciais e espacialidades. Os dois podem ser considerados negros intelectuais, conforme a definição



de Santos (2007): “[...] a nova geração de intelectuais brasileiros que incorporam de forma significativa, e de um ponto de vista diferenciado da maioria dos intelectuais brancos que estudam e pesquisam as relações raciais, a dimensão racial” (SANTOS, 2007, p. 96). Ratts e Campos compõem uma geração de geógrafos/as que surgiu a partir dos anos 1970, como parte do Movimento Negro de Base Acadêmica.

### PRINCIPAIS TEMAS

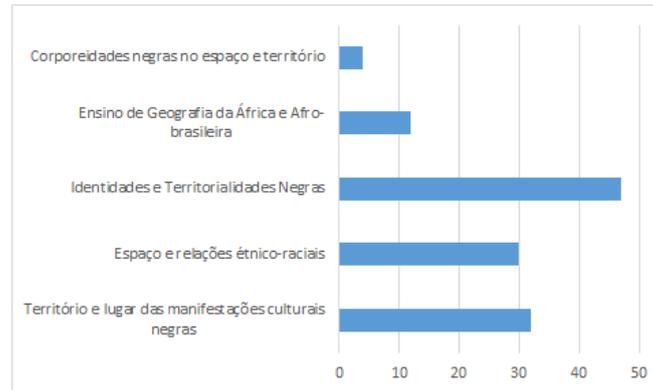
Por fim, classificamos os trabalhos conforme a temática que abordam. Para realizar tal classificação, optamos por seguir a proposta de Cirqueira e Corrêa (2014), que dividiram as pesquisas encontradas por eles em quatro “tendências”<sup>10</sup>: espaço e relações étnico-raciais; identidades e territorialidades negras; geopolítica dos países africanos; e território e lugar das manifestações culturais negras. Acreditamos que seguir essa classificação pode contribuir para futuros estudos sobre a evolução da temática na Geografia.

Acrescentamos à classificação proposta por Cirqueira e Corrêa (op. cit.), duas outras tendências que observamos durante nosso levantamento: 1) Ensino de Geografia da África e Afro-brasileira; 2) Corporeidades negras no espaço e território. Por outro lado, optamos por excluir as teses e dissertações que estudam geopolítica dos países africanos, pois pretendemos analisar somente os trabalhos dedicados ao recorte nacional.

#### **Gráfico 4** - Tendências de pesquisa em trabalhos que abordam a temática étnico-racial na Geografia.

---

<sup>10</sup> A seguir, explicaremos de forma mais detalhada cada uma das tendências.



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Seguindo a proposta de Cirqueira e Corrêa (2014), a tendência “espaço e relações étnico-raciais” abarca trabalhos que, em geral, articulam a questão urbana e a questão racial, tratando principalmente da segregação. Nessa tendência, encontramos 30 estudos: 11 teses e 19 dissertações. Dentre essas, 17 foram defendidas na região Sudeste, 11 no Centro-Oeste, 2 no Nordeste e 1 no Sul. Não encontramos nenhum trabalho dentro dessa tendência defendido na região Norte do País. O período em que esses trabalhos foram defendidos vai de 1996 a 2018, sendo essa a tendência mais antiga dentre todas. A maior parte das pesquisas tem como objeto de estudo a segregação socioespacial da população negra; sendo que alguns abordam grupos como as mulheres, os/as trabalhadores/as, os/as estudantes etc.

A tendência “Identidades e Territorialidades Negras” classifica as pesquisas que analisam as dimensões identitárias e territoriais de comunidades tradicionais negras, como os quilombos ou outros tipos de agrupamentos negros rurais ou urbanos. Essa foi a tendência com o maior número de resultados recuperados no levantamento: 47 (13 teses e 34 dissertações). O mesmo padrão foi observado no estudo realizado por Cirqueira e Corrêa (2014), que chamaram a atenção para o fato de que a quantidade de trabalhos sobre o tema, apesar de significativa quando comparada às outras tendências, ainda é pequena frente ao número de comunidades negras que lutam pelo direito ao território. A maior parte dos trabalhos foi defendida nas regiões Sudeste (26) e Nordeste (12). Contraditoriamente, na região Norte, onde localiza-se o estado com o maior número de territórios quilombolas titulados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), foram defendidos somente 4 trabalhos dentro dessa tendência.

Na classificação “Território e Lugar das Manifestações Culturais Negras”, encontramos 32 trabalhos que abordam manifestações culturais e religiosas afro-brasileiras como os Congados, o Jongo, o Maracatu, os terreiros, o hip-hop etc, sendo 12 teses e 20 dissertações. Mais da metade dos trabalhos (17) foi defendida na Região Sudeste, seguida pelo Centro-Oeste (9) e Nordeste (4). Nota-se a prevalência da abordagem da Geografia Cultural, uma corrente que poderia abrir possibilidades para a discussão da temática racial na disciplina. Conforme Claval (2002), a perspectiva cultural implica a renúncia às abordagens totalizantes e às generalizações para privilegiar o indivíduo. O social é observado pela perspectiva da experiência. “[...] este se implanta através do jogo das representações que as pessoas recebem do mundo que as cerca, e que constituem as grades através das quais percebem o real” (CLAVAL, 2002, p. 32).

Contraditoriamente, conforme aponta Ratts, essa corrente deu pouca atenção à temática: “[...] no que se convencionou denominar de virada cultural ou humanista, os temas concernentes a negros, índios e outros segmentos étnico-raciais, assim como as mulheres e homossexuais, também quase não entraram em cena” (RATTS, 2010, p. 128). Para Cirqueira e Corrêa (2014), as teses e dissertações sobre a tendência “território e lugar das manifestações culturais” produzidas no Brasil no período estudado por eles tendem a supervalorizar a abordagem cultural, deixando em segundo plano as análises sobre relações de poder e desigualdades nas manifestações culturais afro-brasileiras.

Por outro lado, o levantamento realizado por nós indica que pode estar ocorrendo uma mudança em relação a esse aspecto, com uma tendência ao aprofundamento da abordagem crítica nesses trabalhos. Pelo que pudemos apreender a partir das leituras dos títulos e resumos das teses e dissertações recuperadas em nosso levantamento dentro dessa tendência, a maior parte (22 entre 32) dos/as pesquisadores/as direciona suas análises para temas como as disputas por espaço, principalmente quando se estuda os terreiros de religiões de matriz africana; a segregação socioespacial; o apagamento das manifestações culturais afro-brasileiras na história e na geografia; e a politização da identidade negra e quilombola a partir da valorização das tradições afro-brasileiras. Há, ainda, uma tese (PAULA, 2010) que analisa relações de gênero na congada de Catalão (GO).

Na classificação “Ensino de Geografia da África e Afro-brasileira”, localizamos 12 trabalhos: uma tese e 11 dissertações. Consideramos um avanço o fato de termos



recuperado tais pesquisas, tendo em vista que a inexistência de estudos sobre o tema foi algo que chamou a atenção de Cirqueira e Corrêa (2014) na época em que fizeram o levantamento, principalmente porque já estava vigente a Lei 10.639/2003. Com a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, as universidades deveriam se mobilizar para formar professores/as capacitados/as a trabalhar com a temática em sala de aula, e pressupõe-se que isso resultaria em um aumento no número de pesquisas sobre o tema.

Na tendência Corporeidades Negras no Espaço e Território, localizamos 4 trabalhos: 2 teses e duas dissertações defendidas entre 2008 e 2014. Nota-se que é um tema recente na Geografia, apesar de este já ter sido abordado por Milton Santos (1996) em seus escritos sobre a cidadania das pessoas negras. As pesquisas dentro dessa tendência tendem a dialogar com a Geografia Cultural. Duas delas analisam aspectos das congadas em Goiás e em Minas Gerais. Outra, insere mais uma temática recente na geografia: a literatura. O quarto estudo que aparece nessa tendência é dedicado à defesa da corporeidade como um tema geográfico e defende que o espaço é uma experiência corporalizada (NUNES, 2014).

Os estudos sobre corporeidade podem tomar um caminho independente da temática racial na Geografia. O tema tem sido apropriado por estudiosos/as de diversos aspectos, como as relações de gênero e sexualidade, mas é sem dúvida uma perspectiva que pode contribuir para o desenvolvimento do debate sobre a dimensão geográfica da questão racial.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que mais se destaca entre os resultados do levantamento é o fato de que as pesquisas sobre a questão racial na Geografia brasileira cresceram em volume e multiplicidade de temáticas na última década. Esse crescimento pode ser resultado de dois fatores: o primeiro é a histórica luta dos movimentos negros brasileiros no campo da educação; e o segundo, uma consequência do primeiro: as ações afirmativas que estão sendo adotadas no País desde o início dos anos 2000, cujos resultados mais visíveis estão justamente no setor educacional e agora avançam nas pós-graduações.



Em 2019, o jornal Folha de São Paulo realizou um levantamento na base de dados *Web of Science* sobre a quantidade de artigos científicos publicados sobre desigualdade racial e racismo, e verificou que essa produção aumentou de 5 artigos em 1999 para 147 em 2018. Na pós-graduação em Geografia, no entanto, cabe questionar qual é o alcance dessa produção e como os programas de pós-graduação têm recebido esses trabalhos. Um bom parâmetro é observar como a temática étnico-racial se insere nas disciplinas ofertadas aos/as geógrafos/as nos cursos de pós-graduação.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Jaime Amparo. *Necropolítica racial: a produção espacial da morte na cidade de São Paulo*. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 1, n. 3, p. 89-114, fev. 2011. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/276>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

ARTES, Amélia; MENA-CHALCO, Jesús. *Expansão da temática relações raciais no banco de dados de teses e dissertações da Capes*. Revista Educ. Pesqui. [online]. 2017, vol.43, n.4, pp.1221-1238. Epub Mar 27, 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022017005004102&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022017005004102&script=sci_abstract&tlng=pt) Acesso em: 07 fev. 2020.

BENTO, A. *Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas*. Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira), nº 65, ano VII p. 42-44.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). *Mulheres permanecem como maioria na pós-graduação*. (Online). 8 de março de 2018. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/8787-mulheres-permanecem-como-maioria-na-pos-graduacao-brasileira> Acesso em: 20 set. 2019.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Censo da Educação Superior 2018: notas estatísticas*. Brasília, 2019. Disponível em <http://www.inep.gov.br>. Acesso em 16 set. 2019.

CAPEL, Horácio. *Geografia contemporânea: ciência e filosofia*. Maringá: Eduem, 2010.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. *Inscrições da racialidade no pensamento geográfico brasileiro (1880-1930)*. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Niterói, 2015.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal; CORRÊA, Gabriel Siqueira. *Questão étnico-racial na Geografia Brasileira: Um debate introdutório sobre a produção acadêmica nas pós-graduações*. Revista da ANPEGE, [S.l.], v. 10, n. 13, p. 29-58, jul. 2014. ISSN 1679-768X. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6476>>. Acesso em: 21 set. 2019.



CLAVAL, Paul. *A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia*. In. MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salette (Orgs.). *Elementos de Epistemologia na Geografia Contemporânea*. Curitiba: Editora da UFPR, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil*. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica. n. 41.

MARCELINO, Jonathan da Silva. *Geografia, Movimento Negro e Relações Étnico-Raciais: Um diálogo Necessário*. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - São Paulo, 2018.

MOSCHKOVICH, Marília; ALMEIDA, Ana Maria F. *Desigualdades de Gênero na Carreira Acadêmica no Brasil*. Dados [online]. 2015, vol.58, n.3, pp.749-789. Acesso em 16 set. 2019.

PAULA, Marise Vicente de. *Sob o manto azul de nossa senhora: mulheres e identidade de Gênero na Congada de Catalão (GO)*. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Reinvenção dos territórios na América Latina / Abya Yala. Conceptos y Fenómenos Fundamentales de Nuestro Tiempo*. Universidad Nacional Autónoma de México. Instituto de Investigaciones Sociales, 2012.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *A geograficidade do social: uma contribuição para o debate metodológico sobre estudos de conflito e movimentos sociais na América Latina*. In. *Movimientos sociales y conflictos en América Latina*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Argentina. Programa OSAL. 2003.

RAMOS, Altina; FARIA, Paulo M.; FARIA, Ádila. *Revisão sistemática de literatura: contributo para a inovação na investigação em Ciências da Educação*. Revista Diálogo Educacional, 2014, vol. 14, no 41, p. 17-36

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica, sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

RATTS, Alex. *Geografia, relações étnico-raciais e educação: a dimensão espacial das políticas de ações afirmativas no ensino*. Terra Livre, v. 1, n. 34, jan./jun., 2010, p. 125-140.

RATTS, Alex. *Os lugares da gente negra: raça, gênero e espaço no pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez*. Comunicação apresentada no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador, 2011.

SANTOS, Mariza Fernandes. *Movimento negro e relações raciais no espaço acadêmico: trajetórias socioespaciais de estudantes negros e negras na Universidade Federal de Goiás*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Cidadã: por uma epistemologia da existência*. Boletim Gaúcho de Geografia, n. 2. ago., 1996, p. 7-14. Online. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38613/26350>. Acesso em: 17 fev. 2020.



SANTOS, Renato Emerson dos. *O ensino de Geografia do Brasil e as relações raciais: reflexões a partir da Lei 10.639*. In: SANTOS, Renato Emerson dos (org). *Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na Geografia do Brasil*. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SANTOS, Sales Augusto dos. *Movimentos negros, educação e ações afirmativas*. 2007. 554 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília/UnB, Brasília, 2007.

SCWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

*Recebido 28/02/2020*

*Aprovado em 30/03/2020*